


Pesquisas arqueológicas em Anajás, Marajó, Pará

Archaeological Research in Anajás, Marajó, Pará

Investigación Arqueológica en Anajás, Marajó, Pará

-   **Helena Pinto Lima**
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil
helenalima@museu-goeldi.br
-   **Erêndira Oliveira**
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil
erendira.oliveira@gmail.com
-   **Daiana Travassos Alves**
Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil
daianatalves@ufpa.br
-   **Mayara Cristina Pereira Mariano,**
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil
mayara.geomariano@gmail.com
-   **Brenda Bandeira de Azevedo**
Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil
brendabandeira20@gmail.com
-   **Marcio Tobias Valente de Souza**
tobiasvalenteufpa@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta dados inéditos sobre sítios arqueológicos no rio Anajás, na região central do Marajó. Embora essa região tenha sido intensamente pesquisada em décadas anteriores, os novos sítios identificados resultam de demandas de moradores locais, que têm visto seu patrimônio arqueológico florescer a partir dos eventos de seca extrema na região. Apresentamos a

Recebido em 06 de novembro de 2024. Aceito em 24 de maio de 2025.

caracterização desses novos sítios arqueológicos e o mapeamento feito com o uso de tecnologia LiDAR em dois deles, enfatizando o enorme potencial dessa região transicional entre os Marajós dos campos e das florestas. Trazemos uma reflexão sobre a importância das relações das pessoas com esses patrimônios, que inclusive levaram à presente pesquisa, e a sensibilidade dessas comunidades e sítios frente às mudanças climáticas.

Palavras-chave: Arqueologia amazônica. Amazônia marajoara. Patrimônio cultural. Sítios arqueológicos. Tecnologia LiDAR.

Abstract: This article presents unpublished data on archaeological sites on the Anajás River, in the central region of Marajó. Although this region has been intensively researched in previous decades, the new sites identified result from demands from residents, who have seen their archaeological heritage flourish following extreme drought events. We present the characterization of these new archaeological sites, and the mapping done with LiDAR technology in two of them, emphasizing the enormous potential of this transitional region between the Marajós of the fields and the forests. We reflect on the importance of the community's relationships with these cultural heritage sites, and the sensitivity of these communities and sites to climate change.

Key words: Amazonian archaeology. Marajó. Cultural heritage. Archaeological sites. LiDAR technology.

Resumen: Este artículo presenta datos inéditos sobre yacimientos arqueológicos en el río Anajás, en la región central de Marajó. Aunque esta región ha sido intensamente investigada en décadas anteriores, los nuevos sitios identificados son el resultado de las

demandas de los residentes locales, que han visto florecer su patrimonio arqueológico tras los eventos de sequía extrema en la región. Presentamos la caracterización de estos nuevos yacimientos arqueológicos, la cartografía realizada con tecnología LiDAR en dos de ellos, destacando el enorme potencial de esta región de transición entre los Marajós de los campos y los bosques. Reflexionamos sobre la importancia de las relaciones de las personas con estos sitios patrimoniales, que también dieron lugar a esta investigación, y la sensibilidad de estas comunidades y sitios al cambio climático.

Palabras clave: Arqueología amazónica. Amazonia Marajoara. Patrimonio cultural. Sitios arqueológicos. Tecnología LiDAR.

Introdução

Este artigo aborda discussões contemporâneas acerca dos efeitos das mudanças climáticas na gestão e proteção do patrimônio arqueológico junto com comunidades locais, a partir de uma situação específica. A pesquisa é orientada por perspectivas da arqueologia pública e colaborativa (Lima, 2019), que enfatizam a participação comunitária e os aspectos afetivos e éticos da relação entre pessoas e patrimônio. Considera também o histórico de pesquisas no Marajó e na região de Anajás, enfatizando elementos das interações entre sociedades humanas e ambiente que caracterizam as paisagens arqueológicas do arquipélago.

O ano de 2023 registrou eventos de seca extrema em diversas regiões da Amazônia, o que ocasionou a identificação de sítios arqueológicos até então submersos. Esses episódios climáticos severos, cada vez mais comuns, apresentam novos desafios para as interações humano-ambientais e a gestão do patrimônio arqueológico.

No município de Anajás, área central do arquipélago do Marajó, estado do Pará, um conjunto inédito de sítios foi documentado a partir de uma demanda dos moradores das comunidades locais, preocupados com o aparecimento de centenas de vestígios cerâmicos na seca extrema dos rios em 2023. Compreendendo a importância de resgatar e estudar esse patrimônio sob risco, estes moradores formalizaram junto ao Ministério Público um pedido de vistoria no local, o que culminou em uma visita técnica realizada por servidores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). A visita ocorreu em dezembro de 2023 visando analisar o estado de conservação dos artefatos de cerâmica indígena que ficaram expostos e atender à demanda do Ministério

Público Estadual e da comunidade de Anajás. Diante disso, objetivou-se estabelecer uma escuta ativa dos órgãos municipais e da comunidade, averiguar vulnerabilidades e fatores de riscos dos sítios arqueológicos, catalogar os sítios arqueológicos e avaliar potenciais para pesquisas futuras.

Parte destes sítios arqueológicos apresentam montículos artificiais, localmente chamados “tesos”, com cerâmicas vinculados ao estilo Marajoara, um dos estilos pré-coloniais amazônicos mais conhecidos, com artefatos dispersos em museus do Brasil e do mundo todo (Simas et al., 2019). Pesquisas arqueológicas anteriores indicam que Marajó foi um relevante centro de intercâmbio cultural antigo (Roosevelt 1991, Barreto 2009) e, especificamente no rio Anajás, em seu alto curso, Denise P. Schaan (2004, 2008) documentou um importante sistema regional de assentamentos pré-coloniais e formas sofisticadas de manejo ambiental, em paisagens cambiantes e periodicamente alagáveis.

O rio Anajás atravessa longitudinalmente a Ilha Grande de Joanes (Marajó), percorrendo uma extensão de cerca de 310 km desde sua nascente, próxima ao limite entre os municípios de Ponta de Pedras, Muaná e Anajás, até o limite entre Breves e Afuá, em direção ao encontro com o rio Amazonas. Percorre, portanto, boa parte da extensão do Marajó desde os campos mais a Leste até a região conhecida como “Marajó das Florestas” (Pacheco, 2010). A cerca de 370 km de Belém, a área abriga uma transição ecológica importante e ainda pouco explorada pela arqueologia. Além disso, é uma região rica em biodiversidade e estrategicamente importante para repensarmos as relações entre sociedade e meio ambiente. Isto se dá pelas sofisticadas formas de manejo ambiental adotadas pelos antigos moradores da região, também popularmente chamados de marajoaras e envolvem o manejo da terra, das águas, da fauna aquática e das florestas, já evidenciado

pela arqueologia (Roosevelt 1991; Schaan 2008; Neves 2006). O potencial arqueológico fica claro também com a identificação de quatro novos sítios arqueológicos, ainda desconhecidos pelas pesquisas anteriores realizadas na região, em poucos dias de vistoria.

Na mesma ocasião da vistoria técnica, foi realizada a documentação de coleções arqueológicas existentes em instituições e residências próximas ao núcleo urbano de Anajás, o cadastro dos sítios junto ao IPHAN e o mapeamento aéreo de dois deles com LiDAR¹ (sigla em inglês para Light Detection And Ranging). Esta tecnologia permite a geração de imagens tridimensionais a partir de pulsos de luz no espectro infravermelho, sendo assim de grande aplicabilidade no campo da Arqueologia. Tais mapeamentos foram feitos a fim de identificar possíveis alterações antrópicas na paisagem como a formação de montículos, depressões e caminhos, que indicassem formas de manejo da paisagem, relevantes para compreender a variabilidade dos sítios arqueológicos locais.

As informações levantadas permitiram identificar riscos associados a fenômenos naturais, como a intensificação do regime de secas e cheias do rio, e a pressão antrópica em suas margens, decorrente do tráfego intenso de embarcações. Esses fatores têm contribuído para o agravamento dos processos erosivos nos terraços fluviais onde se localizam os sítios arqueológicos e as comunidades ribeirinhas, ameaçando a integridade tanto do patrimônio quanto das formas de vida locais.

Assim, a retomada das pesquisas arqueológicas na região do Marajó visa dar continuidade à produção de conhecimento sobre o registro arqueológico local, assim como fomentar estratégias colaborativas no desenvolvimento de projetos locais e de programas de gestão e salvaguarda desse patrimônio. Este

¹ O Museu Paraense Emílio Goeldi dispõe da tecnologia e experiência de uso em campo. O equipamento foi adquirido por meio do projeto "Parque analítico do Museu Goeldi", com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

é também um importante nicho ecológico para se pensar as interações humano-ambientais e os impactos nestas relações derivados das alterações climáticas.

Vale também destacar o interesse dos comunitários e autoridades locais na preservação destes vestígios e na viabilização de espaços para a gestão dos acervos materiais e desenvolvimento de atividades educativas e de musealização. Tais interesses culminaram no estabelecimento de parcerias entre gestores e comunitários locais com pesquisadoras do Museu Paraense Emílio Goeldi, refletidos em um projeto interdisciplinar de pesquisa arqueológica voltado ao rio Anajás. O novo projeto teve início em dezembro de 2024 com importantes ações no município incluindo o resgate e restauro de urnas funerárias e o mapeamento de extensas áreas do município, ações em andamento ao longo de 2025. A nova pesquisa se dá no contexto do Projeto Amazônia Revelada, que atua em diversas regiões amazônicas realizando mapeamento por LiDar em avião (<https://amazoniarevelada.com.br>)². Um dos eixos centrais do projeto tem sido a escuta às demandas e realidades locais (Lima, 2019) para analisar as relações e desafios atuais enfrentados pelas comunidades com relação ao seu patrimônio arqueológico, histórico e ecológico.

Pesquisas arqueológicas em Anajás

A região do Alto Rio Anajás é conhecida, em termos arqueológicos, pela presença de sítios de ocupação pré-colonial e colonial vinculados à cerâmica Marajoara e de montículos artificiais ligados a estas ocupações, sendo estes tesos utilizados como local de residência e de sepultamentos. Os sepultamentos, nestes casos, estão em grande parte associados ao uso de urnas

² : Projeto: Pesquisa Arqueológica no rio Anajás - Pará, Portaria nº 99, de 29 de Novembro de 2024, Processo IPHAN nº 01492.000468/2023-77

funerárias de grandes dimensões, modeladas e pintadas, com corpos que mesclam elementos humanos e animais. Os sítios arqueológicos conhecidos para área se concentram no Alto Rio Anajás, a aproximadamente 43 km do município, subindo o rio a Leste. Inclusive, sítios identificados na localidade da Pedra se encontram a cerca de 16 km de contextos conhecidos e escavados entre os anos de 1997 e 1999 durante o projeto de salvamento para a Hidrovia do Marajó coordenado pela arqueóloga Denise P. Schaan. Exemplo é o sítio PA-JO-49 Cacoal, cuja datação é de 1300 a 1600 AD (Schaan 1999, 2000).

Os sítios arqueológicos previamente cadastrados junto ao CNSA/IPHAN³ no município de Anajás estão, em sua maioria, vinculados às pesquisas coordenadas por Denise Schaan, inicialmente no âmbito de um projeto associado ao empreendimento da Companhia Docas do Pará, que previa a retificação de um trecho entre os rios Atua e Anajás. Esse projeto teve como objetivo avaliar os impactos já causados pelo início das obras, propondo medidas mitigatórias e de salvaguarda para os bens arqueológicos identificados. Nesse contexto, as atividades de campo tiveram início com o resgate do sítio PA-JO-49: Cacoal, cujos materiais encontram-se atualmente sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi, juntamente com acervos provenientes de outros sítios posteriormente estudados.

A pesquisadora ainda atuou no Projeto Hidrovias do Marajó, juntamente com iniciativas subsequentes, registrando nove sítios arqueológicos na região, incluindo estudos complementares no sítio (já conhecido) PA-JO-15: Camutins (Schaan, 1998, 1999, apud Souza, 2024). Schaan teve atuação marcante tanto no Museu Paraense Emílio Goeldi quanto na Universidade Federal do Pará e foi uma importante contribuidora para a arqueologia amazônica.

³ Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos gerido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A partir de suas pesquisas na região de Anajás, foi formada uma coleção arqueológica, atualmente sob a guarda da Secretaria de Cultura do município, o que revela a preocupação da pesquisadora em integrar diferentes atores com o patrimônio arqueológico e um compromisso ético em proporcionar devolutivas e ações de gestão compartilhada.

Entre as contribuições mais relevantes de Schaan estão os estudos sobre a linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara (1997), sua tese de doutorado (2004) e publicações derivadas (2007, 2008, 2014), que ressaltam a regionalidade das antigas sociedades marajoaras e a complexidade dos sistemas de engenharia de paisagem por elas desenvolvidos, incluindo práticas sofisticadas de manejo de recursos aquáticos e do ambiente de várzea.

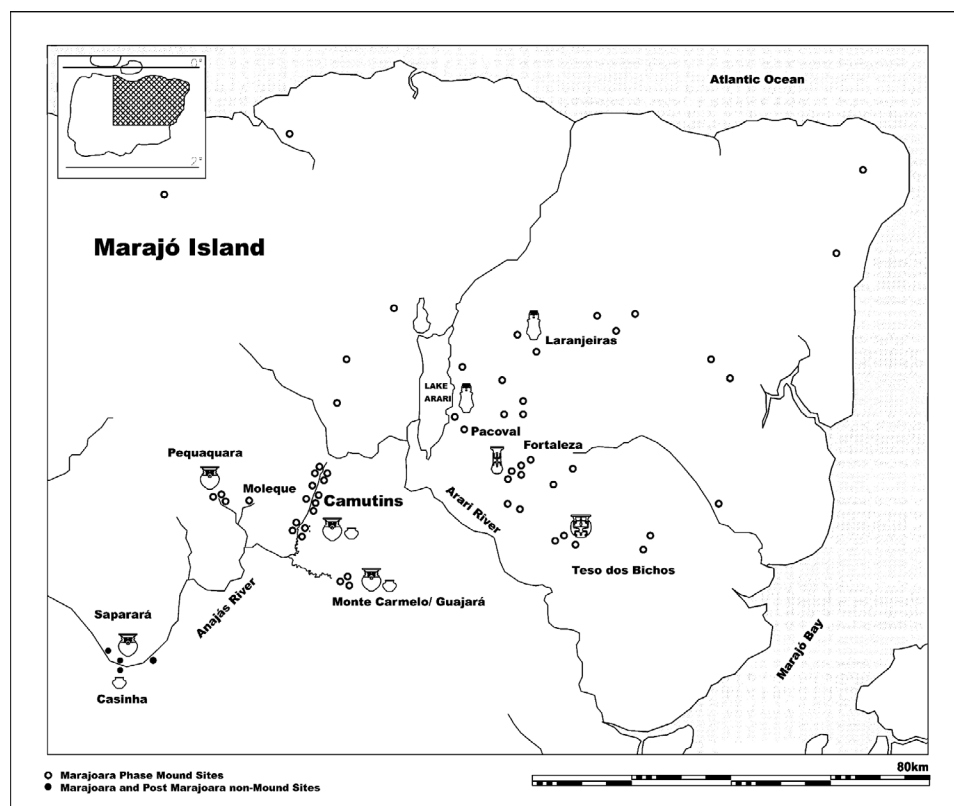
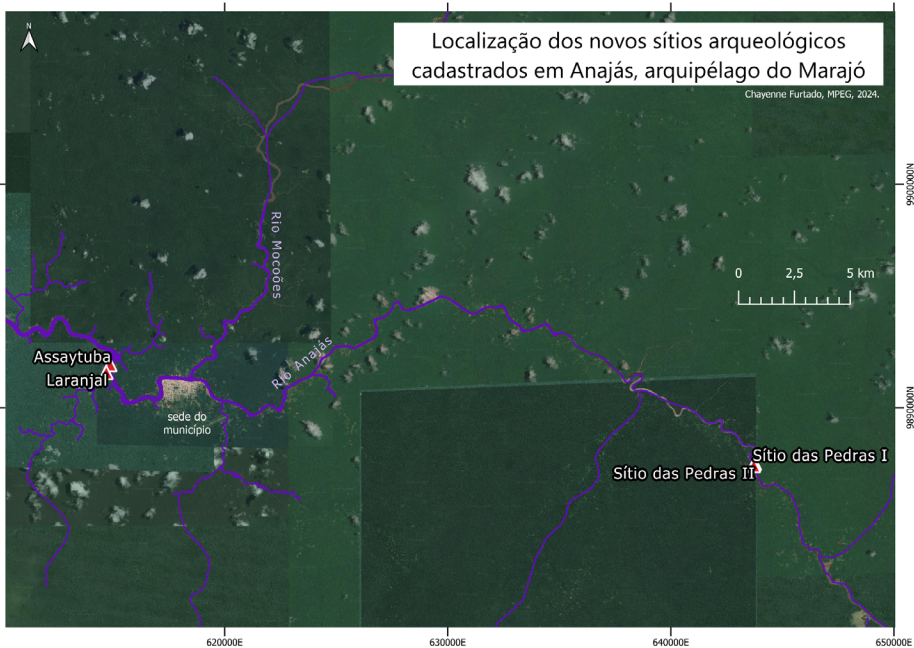


Figura 1: Sítios arqueológicos cadastrados por Schaan no Marajó. Fonte: Schaan, 2008, p. 340.



Sítio Arqueológico	Coordenadas UTM - SIRGAS 2000 Fuso 22M	Tipos de vestígios
Sítio das Pedras I	643757, 9887520	Fragmentos cerâmicos em superfície e, provavelmente, em profundidade. Sítio a céu aberto em terra firme.
Sítio das Pedras II	643719, 9887417	Fragmentos cerâmicos em superfície e, provavelmente, em profundidade. Sítio a céu aberto em terra firme localizado na margem oposta ao Sítio Pedras I, considerando o rio Anajás.
Sítio Assahytuba	614864, 9891934	Urnas funerárias cerâmicas expostas à margem do rio Anajás e fragmentos cerâmicos relacionados. Sítio a céu aberto em provável área de elevação do terreno.
Sítio Laranjal	614694, 9891582	Fragmentos cerâmicos em superfície e, provavelmente, em profundidade. Sítio a céu aberto em terra firme, em área elevada. localizado na margem oposta ao Sítio Assahytuba

Figura 2: Localização, coordenadas geográficas e descrição dos sítios arqueológicos identificados durante a vistoria técnica em Anajás. Fonte: Mapa: Chayenne Furtado; Tabela: MPEG, 2024.

Localidade Vila das Pedras, sítios arqueológicos Pedras I e Pedras II

Na localidade conhecida como Vila das Pedras, distante cerca 30 km a montante do rio Anajás, a partir da sede municipal, foram cadastrados dois novos sítios arqueológicos, denominados Sítio Pedras I e Sítio Pedras II, sendo este o local de moradia das irmãs Kátia Cilene e Irene, vizinhas de margens opostos no rio.

Pedras I está localizado na margem direita do rio Anajás, na área de residência da Sra. Kátia Cilene, que guarda cuidadosamente uma coleção com fragmentos e peças recolhidos no quintal. A coleção continha 46 fragmentos arqueológicos, vinculados à cerâmica Marajoara, estilo Anajás Inciso. O Sítio Pedras II está localizado na margem oposta ao Sítio Pedras I, na área de residência da Sra. Dona Irene. Ela também guarda alguns fragmentos cerâmicos em sua casa, e pudemos observar outros vestígios caminhando pelo terreno. Este parece ser um contexto em que, assim como as duas localidades são relacionadas por laços familiares, os vestígios sugerem que os sítios arqueológicos, nas margens opostas do rio, foram relacionados culturalmente no passado.

Outros elementos da paisagem local indicam que Pedras II pode tratar-se de um teso. Há um montículo sutil na parte de trás do terreno vistoriado, com poucos fragmentos cerâmicos aflorando na superfície, além de uma plantação recente de açaí, uma roça de mandioca e árvores frutíferas. A terra preta pode ser identificada em uma profundidade de 40 cm. O mapeamento com LiDAR revelou desníveis sutis, associados aos terraços fluviais, áreas onde usualmente se implantam os sítios arqueológicos ribeirinhos na Amazônia (Figuras 3 e 4).



Figura 3: Atividades realizadas na localidade Vila das Pedras, onde foram registrados os sítios arqueológicos Pedras I e Pedras II. Fonte: Helena Lima e Erêndira Oliveira. Fotos realizadas em 2023.

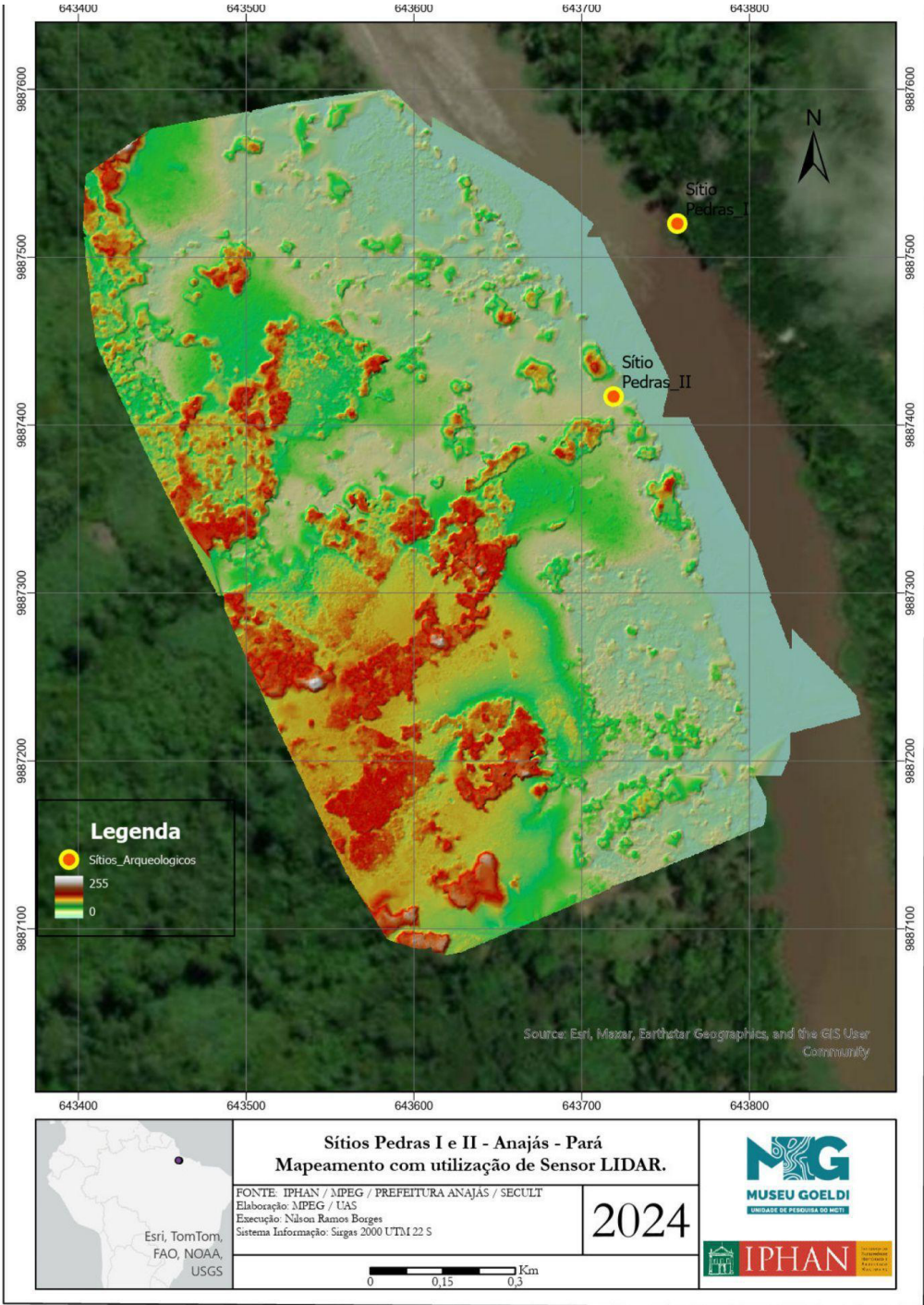


Figura 4: Imagem obtida com LiDAR do sítio Pedras II. Fonte: Nilson Borges.

Localidade Vila do Laranjal, sítios arqueológicos Laranjal e Assahytuba

A Vila do Laranjal está situada a aproximadamente 5 km a jusante da sede municipal de Anajás. Nessa localidade, foram identificados dois sítios arqueológicos, localizados em margens opostas do rio Anajás, configurando uma distribuição espacial similar à observada nos sítios anteriormente descritos. Na margem esquerda, encontra-se atualmente a Horticultura Orgânica Fabrício Paiva, unidade produtiva dedicada ao cultivo de hortaliças e frutas que abastecem o município. Durante a visita ao local, foi possível mapear concentrações de fragmentos cerâmicos em superfície, com destaque para uma área próxima às residências, situada em um ponto elevado do terreno. As características topográficas do Sítio Laranjal, marcadas por uma inclinação acentuada, sugerem a presença de um possível teso.

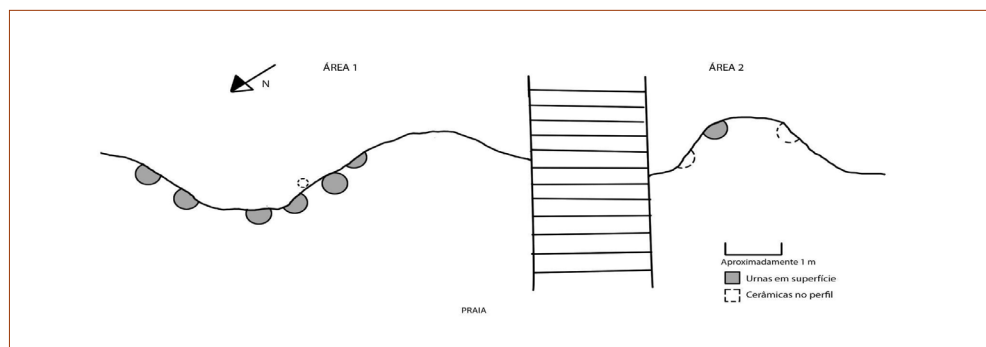
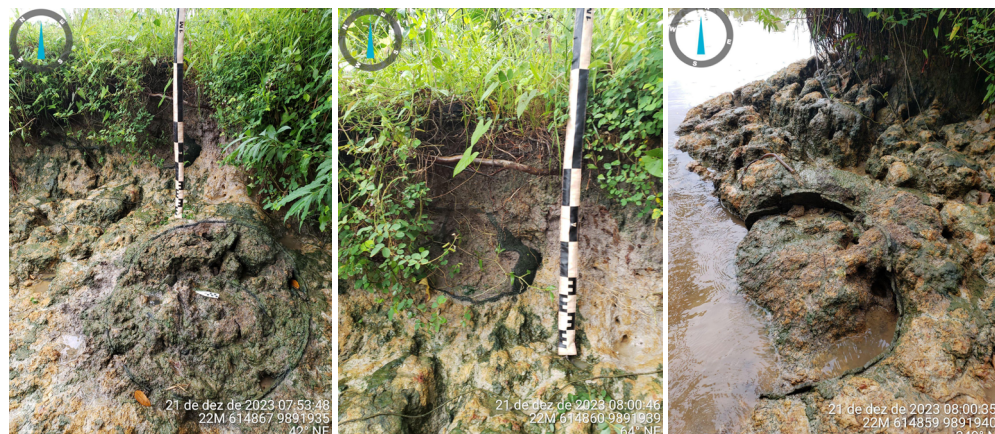


Figura 5: Imagens e croqui com escala aproximada da distribuição das vasilhas (possíveis urnas funerárias) expostas na margem do rio Anajás, no Sítio Assahytuba. Fonte: Erêndira Oliveira, 2023.

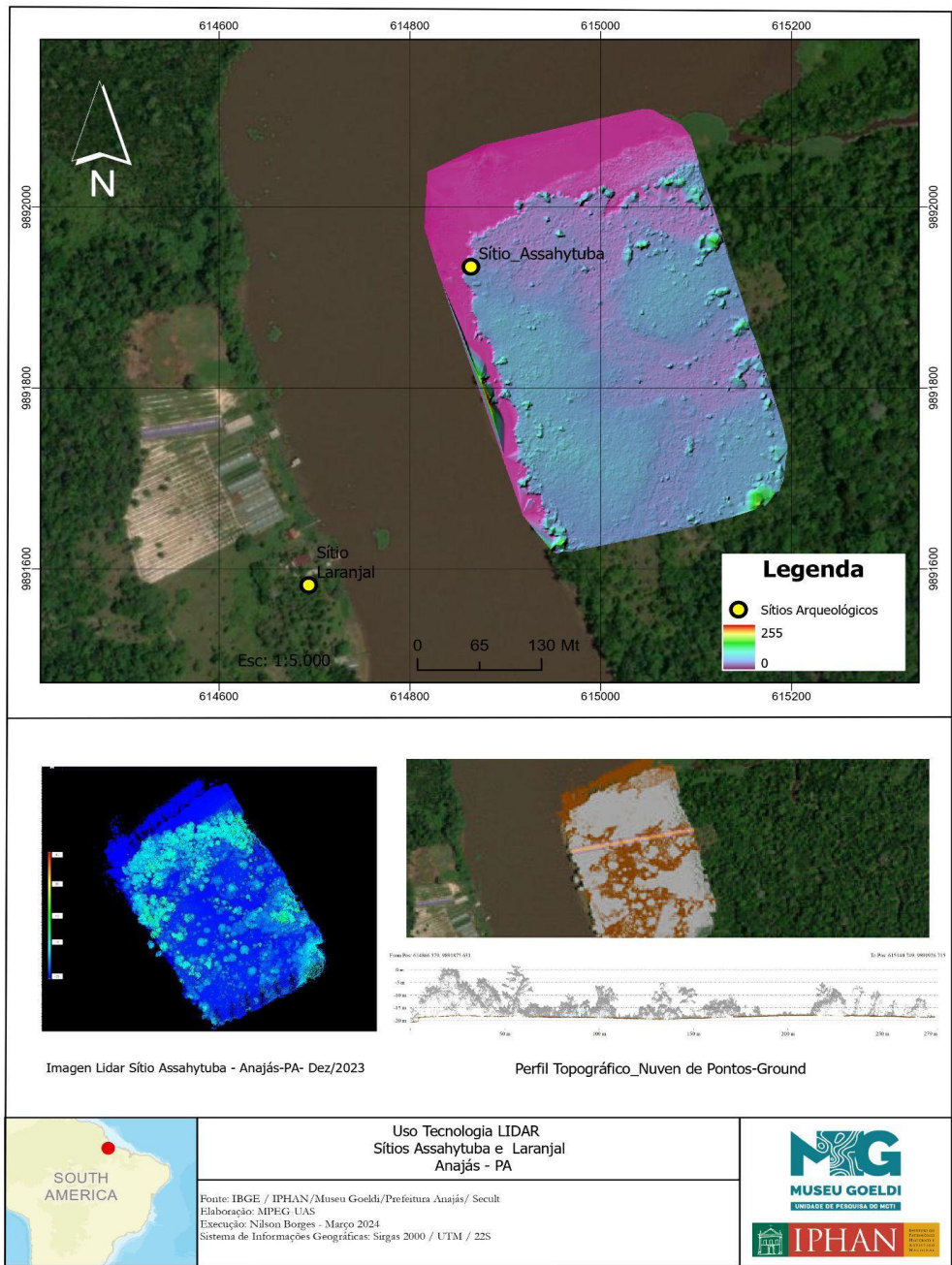


Figura 6: Imagem obtidas com LiDAR do sítio Assahytuba . Fonte: Nilson Borges, 2024.

O mapeamento por LiDAR do sítio Assahytuba indicou a presença de uma elevação no terreno de formato circular, circunscrita por uma área de depressão que segue até o local de deposição nas urnas, distante 196 m a oeste. O possível montículo tem área de 1,68 ha e um aparente caminho que segue desde sua porção sul, em sentido sudoeste, com aproximadamente um metro de largura (Figura 6). A variação percebida no perfil associado a esta área indica uma altura aproximada de 1,5 metros, o que poderia indicar uma paisagem antropizada. No processamento foram utilizados os softwares DJI Terra, DJI Pilot, Global Mapper, Agisoft Matashape e Arcgis Pro, além de outras bases de dados como IBGE para nivelamento de resultados.

O potencial do uso do LiDAR na arqueologia tem sido ressaltado em pesquisas recentes (Peripato 2023; Rostain et al, 2024; Prümers et al., 2022). Seus resultados devem necessariamente ser acompanhados de verificações in loco, incluindo escavações arqueológicas que permitam compreender a estratigrafia em seus processos culturais e naturais de formação. A relevância dessas verificações locais se dá, também, para uma percepção mais apurada sobre as pessoas e comunidades que vivem e manejam esses ambientes continuamente, trazendo importantes lições para a arqueologia.

Catálogo das coleções arqueológicas

Como exposto anteriormente, a Secretaria de Cultura e Turismo na sede municipal de Anajás abriga uma coleção de peças arqueológicas doadas por Denise Schaan, dispostas em nichos expositivos (Figura 7). A esta coleção se somou, em 2023, parte do acervo doado pelas moradoras da Vila das Pedras, totalizando 84 peças entre fragmentos de estatuetas,

vasos, alças, alargadores etc.

Destaca-se o impacto positivo da coleção deixada por Denise Schaan para o município de Anajás, em consonância com a ampla presença da arqueologia — ou de seus elementos — nas cidades marajoaras. Essa presença de elementos iconográficos da cerâmica marajoara entre as comunidades locais foi evidenciada também na pesquisa de Marcelle Rolim de Souza Lima, realizada nos municípios de Soure e Salvaterra (Marajó, Pará), que demonstrou a ressonância iconográfica das cerâmicas arqueológicas em diferentes contextos urbanos da região (Souza Lima, 2023). Nesse mesmo sentido, Márcia Bezerra, ao estudar o município de Salvaterra, ressaltou a importância das formas de fruição da arqueologia, tanto para o desenvolvimento da prática arqueológica quanto para as populações que vivem no entorno dos sítios (Bezerra, 2011; 2013).

A observação realizada durante a visita de 2023 evidenciou que a prática de colecionamento de materiais arqueológicos está também profundamente enraizada no cotidiano das famílias em Anajás. Exemplos notáveis são as coleções mantidas por Dona Kátia e Dona Irene, posteriormente incorporadas ao acervo da Secretaria de Cultura de Anajás. Esse hábito revela uma relação contínua e afetiva com os vestígios arqueológicos, indicando formas locais de apropriação, cuidado e valorização do patrimônio.

No que toca à caracterização dos acervos descritos, pode-se dizer que a maior parte das cerâmicas possuem elementos estilísticos que permitem associar à cultura Marajoara, tal como descrita por Meggers e Evans (1957) e Schaan (2004). Entre estes elementos estão os acabamentos incisos, excisos e sua combinação com pintura e engobo (vestigiais). Há, contudo, fragmentos que se diferenciam das características já conhecidas das cerâmicas marajoaras, possivelmente remetendo a conjuntos

regionais ou anteriores (Figura 7). Juntos, esses acervos da cultura material indígena de Anajás potencializam a reformulação da exposição arqueológica com vistas a valorizar essa longa trajetória de pesquisas e a relação que as pessoas possuem, hoje em dia, com esses achados.



Figura 7: Expositores com a coleção arqueológica deixada por Denise Schaan, atualmente sob a guarda da Secretaria de Cultura de Anajás. Abaixo destes, em caixas de isopor, encontram-se os materiais recentemente incorporados, oriundos das coletas de 2023. Na imagem inferior, cerâmicas documentadas em diferentes coleções arqueológicas no município de Anajás. Fonte: Fotos tiradas por Helena Lima e Erêndira Oliveira, 2023.

Apontamentos a partir de uma breve visita

Os dados obtidos por meio do mapeamento com tecnologia LiDAR indicam a provável presença de paisagens antrópicas nos sítios identificados, sugerindo possíveis formas de modificação intencional do terreno. Embora ainda seja prematuro afirmar com segurança que se trata de tesos artificiais semelhantes aos registrados por Schaan no alto rio Anajás ou em outras regiões do arquipélago, os sítios identificados evidenciam a relevância destes contextos para a arqueologia do Marajó. Neste sentido, a continuidade das pesquisas em Anajás será fundamental tanto para a ampliação do conhecimento científico sobre as ocupações antigas na região, quanto para a salvaguarda do patrimônio cultural e atendimento das demandas expressas pelas comunidades locais, que manifestam interesse ativo na criação de espaços de memória, como um museu comunitário voltado à conservação, gestão e exposição desses acervos. Há, portanto, um desejo explícito de ampliar os diálogos sobre o patrimônio e fortalecer os vínculos entre arqueologia, território e identidade.

É particularmente significativo que os moradores de Anajás, no Marajó, estejam hoje protagonizando iniciativas de pesquisa e proteção dos sítios arqueológicos e vestígios de sua própria história. Se a arqueologia marajoara marcou o início das investigações arqueológicas na Amazônia, é essa mesma tradição que agora impulsiona a arqueologia contemporânea a incorporar novas tecnologias e metodologias em diálogo estreito com as comunidades locais, tanto nos processos de produção de conhecimento quanto nas estratégias de salvaguarda do patrimônio.

As interações humano-ambientais - foco por excelência das

pesquisas arqueológicas – conferem à arqueologia um papel estratégico na formulação de políticas de enfrentamento da crise climática e de preservação do patrimônio cultural. Ao investigar as práticas de manejo ambiental das sociedades marajoaras do passado, torna-se possível identificar alternativas e aprendizados relevantes para os desafios do presente, sobretudo na região de transição entre campos e florestas do arquipélago.

A continuidade das pesquisas na região deve, portanto, estar fundamentada em uma escuta contextualizada e sensível às comunidades locais, reconhecendo seus saberes e demandas. Com isso, reafirma-se a arqueologia como ferramenta de preservação e valorização do patrimônio cultural e como aliada na construção de políticas públicas voltadas à proteção do patrimônio arqueológico amazônico.



Figura 8: Visita de comunitários e gestores de Anajás ao acervo do MPEG em 23 de fevereiro de 2024. Fonte: Helena Lima, 2024.

Agradecimentos

Agradecemos à comunidade de Anajás, em especial os Professores Rossimar Nóbrega e Doca Menezes; a equipe de arqueologia do Museu Goeldi: Raimundo Teodoro, Silvinho Silva e Leonardo Machado; e a coordenação do Projeto Amazônia Revelada: Eduardo Neves, Cristiana Barreto, Bruna Rocha e Filippo Stampanoni Bassi.

Referências

BARRETO, Cristiana. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga**. 2009. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BEZERRA, Marcia. As moedas dos índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, p. 57-70, 2011.

BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1, p. 107-122, 2013.

CEMA. **Relatório de Impacto Ambiental – RIMA**. Ligação entre os rios Atua e Anajás, Ilha do Marajó, PA. Cema Consultoria em Meio Ambiente S/C Ltda, 1998.

CHMYZ, I. **Relatório técnico de levantamento arqueológico realizado na área da Hidrovia do Marajó (Ilha de Marajó-Pará)**. Trecho de Retificação dos rios Atua e Anajás. Relatório apresentado à CEMA – Consultoria em Meio Ambiente Ltda, Curitiba, julho de 1998.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. **Revista Habitus -Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. Archeological investigations at the Mouth of the Amazon. **Bureau of American Ethnology Bul.** n. 167. Smithsonian Institution. Washington DC, 1957.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI (MPEG). **Relatório de visita técnica: município de Anajás**, PA. Processo IPHAN 01492.000468/2023-77. Belém: MPEG, abr. 2024.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

PACHECO, Agenor Sarraf. Portos de memórias: cotidiano, trabalho e história no Marajó das Florestas. **Movendo Ideias**, v. 15, n. 1, 2010.

PERIPATO, Vinicius et al. More than 10,000 pre-Columbian earthworks are still hidden throughout Amazonia. **Science**, v. 382, n. 6666, p. 103-109, 2023.

PRÜMERS, Heiko et al. **Lidar reveals pre-Hispanic low-density urbanism in the Bolivian Amazon**. Nature, v. 606, n. 7913, p. 325-328, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41586-022-04780-4>.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. **Moundbuilders of the Amazon: geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil**. 1991.

SCHAAN, Denise. P. **Resgate do Sítio PA-JO-49: CACOAL**. Relatório Técnico Preliminar de Escavação Arqueológica. Belém do Pará, dezembro de 1998.

SCHAAN, Denise. P. Hidrovia do Marajó. Programa de salvamento arqueológico nas áreas de retificação dos rios Atua e Anajás. **Relatório da 1ª Etapa de Campo: identificação, registro e mapeamento dos sítios no rio Anajás**. Belém, julho de 1999.

SCHAAN, Denise. **Localização e estudo regional de sítios arqueológicos nos rios Anajás e Cururu/Ilha de Marajó**. Relatório

Final. Agosto 1998/ Maio 2000. Pittsburgh, maio de 2000.

SCHAAN, Denise. **Projeto Anajás:** identificação e estudo regional de sítios arqueológicos no Alto Rio Anajás, Ilha de Marajó, PA. Relatório de Atividades. Museu Paraense Emílio Goeldi. Julho a Agosto de 2000". Pittsburgh, fevereiro de 2001.

SCHAAN, Denise. **The Camutins chiefdom:** rise and development of social complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon. University of Pittsburgh, 2004.

SCHAAN, Denise. The nonagricultural chiefdoms of Marajó Island. In: **The handbook of South American archaeology**. New York, NY: Springer New York, 2008. p. 339-357.

SIMAS, Maria, et al. Cada instituição, um fragmento: problemática da dispersão da coleção arqueológica marajoara Dita Acatauassu (Amazônia, Brasil). **Conservar Patrimônio**, 2019.

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim. Replicando uma urna marajoara: iconografia, saberes e afeto. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, p. 232-257, 2023.

SOUZA, Marcio Tobias Valente. **Restauero em cerâmicas arqueológicas da Amazônia**. Relatório não publicado. Programa de Iniciação Científica do Museu Paraense Emílio Goeldi (PIBIC/MPEG), Belém, PA, agosto de 2024.

ROSTAIN, Stéphen et al. Two thousand years of garden urbanism in the Upper Amazon. **Science**, v. 383, n. 6679, p. 183-189, 2024

Outras Fontes

População encontra artefatos arqueológicos indígenas no arquipélago de Marajó. ,publicado no site de notícias Brasil de Fato em 14/01/2014.

PARÁ. Em Anajás, quatro sítios arqueológicos com cerâmica são descobertos. Vídeo, 18/01/2024

Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/para-em-anajas-quatro-sitios-arqueologicos-com-ceramica-sao-descobertos-video/>

Museu Goeldi e IPHAN catalogam quatro sítios arqueológicos no município de Anajás”, publicado em 15/01/2024 no Portal de notícias do Governo Federal sobre o Museu Goeldi.

Seca do rio revela artefatos arqueológicos indígenas no Marajó”, publicado em 15/01/2024 no portal online do Jornal O Liberal.

Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/seca-do-rio-revela-artefatos-arqueologicos-indigenas-no-marajo-1.767516> .

Após seca, pesquisadores encontram quatro sítios arqueológicos com cerâmicas indígenas no Marajó, no Pará”, publicado em 15/01/2024 no portal de notícias g1 Pará. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2024/01/15/pesquisadores-encontram-quatro-sitios-arqueologicos-com-ceramicas-indigenas-no-marajo-no-para.ghtml>.

MCT podcast publicado no spotify, 16/01/2024 Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4QBXFfY9FFL7qT5xROW4ML?si=j-gvsOMATu6-SpONJmM-TA>